



PIPOCAS DE ITÁPOLIS: A IMPORTÂNCIA DA NARRATIVA NA FORMAÇÃO DOCENTE¹

SANTOS, Vitória Caroline dos²
FALEIRO, Renata Maria Coelho³
MESSIAS, Vandalice⁴

¹ Este artigo é resultado de um relato de experiência no âmbito da formação continuada de professores.

² Pedagoga e mestranda em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/SP – UNESP; vitoria.c.santos@unesp.br

³ Professora especialista em Educação no SESI-SP; renata.faleiro@sesisp.org.br.

⁴ Coordenadora de Núcleo Pedagógico na rede municipal de educação de Itápolis/SP; nnucleopedagogico@gmail.com.

RESUMO

Este relato de experiência aponta para a relevância da narrativa na formação continuada de professores. Inspirado em estudos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada – GEPEC, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas-SP – UNICAMP, o presente trabalho fundamenta-se no livro *Pipocas pedagógicas V: narrativas outras na escola*, organizado por Prado, Serodio, Simas, Campos, Farias e Braz (2023). Pipocas pedagógicas são, então, um gênero discursivo narrativo próprio da escola e da educação, capaz de potencializar e reverberar as vozes docentes. Isto posto, a experiência iniciada em Itápolis, durante a formação continuada de professores de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental, convidou os educadores a registrarem suas narrativas, compondo suas próprias pipocas pedagógicas. Neste processo, foi possível perceber o impacto potencial das narrativas – orais e escritas – para promover o engajamento e o sentimento de pertencimento do grupo. Contudo, nota-se resistência para uso do registro escrito, o que sugere a necessidade de intensificar a formação do pedagogo como autor e escritor de textos, já que as narrativas da escola são as próprias construtoras do conhecimento científico-pedagógico. Por fim, percebe-se que, em um mundo cada vez mais conectado, a proposta de registrar e compartilhar pipocas pedagógicas possibilita a articulação entre as experiências vividas e os desafios contemporâneos da educação. Dessa forma, este trabalho evidencia o poder da narrativa na formação docente, ao favorecer a integração entre saberes escolares, trajetórias profissionais e as múltiplas linguagens que atravessam o contexto educacional atual.

Palavras-chave: narrativa; formação docente; educação.

1. INTRODUÇÃO

No âmbito da formação de professores, observam-se tendências como a articulação entre formação inicial e continuada, a reflexão e a investigação, também princípios deste processo formativo, e o desenvolvimento de culturas colaborativas voltadas ao trabalho em equipe (Gatti, 2003, 2013, 2019; Nóvoa, 2017, 2022). Neste contexto, é de suma importância evidenciar as narrativas docentes, afinal, os professores são os protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem, numa perspectiva de formação contínua. Sendo assim, este relato de experiência tematiza a relevância da narrativa na formação continuada de professores por meio de uma iniciativa caracterizada pelo uso do gênero textual pipocas pedagógicas.

Pipocas pedagógicas são um gênero próprio da escola proposto pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada – GEPEC, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas-SP – UNICAMP. As autoras do presente relato conheceram as pipocas pedagógicas em seu 5º volume de publicação intitulado *Pipocas pedagógicas V: narrativas outras na escola*, e organizado por Prado, Serodio, Simas, Campos, Farias e Braz (2023). Baseados em Bakhtin, os organizadores da obra discorrem sobre a ampla circulação das pipocas, percorrendo o Brasil e a América Latina. Ainda afirmam que “o gênero discursivo narrativo – “pipocas pedagógicas” – é um gênero legítimo para veicular vozes docentes em suas mais variadas potencialidades!” (Prado et al., 2023, p. 12). Dessa forma, inspirada na obra supracitada, surge a iniciativa de fomentar o uso do registro escrito na prática docente de Itápolis/SP utilizando o gênero textual pipocas pedagógicas.

Itápolis é um município localizado no interior do estado de São Paulo com uma população estimada de 40 mil habitantes. Em termos educacionais, apresenta alto resultado no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB – para os anos iniciais do Ensino Fundamental na rede municipal, registrando 7,5 pontos (Itápolis, 2025). Este município é um dos atendidos pelo Programa Alfabetiza Juntos, instituído pelo Decreto nº 68.335, de 20 de fevereiro de 2024, e promovido pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (Alfabetiza, s. d.). O programa oferece formação continuada às redes estadual e municipais de ensino, dentre outras ações. E realiza-se com a colaboração de parceiros, dentre eles, o SESI-SP. Neste âmbito, o SESI-SP é responsável pelos formadores que atendem aos professores e gestores contemplados pelo programa, garantindo a qualidade do processo formativo. Estes profissionais subdividem-se em Especialistas em Educação e Analistas Técnico Educacionais. Estes têm contato direto com o público-alvo do programa, enquanto aqueles são formadores dos Analistas. Diante disso, participam da formação continuada em Itápolis/SP duas turmas formadas por professores e coordenadoras pedagógicas atuantes no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, além de coordenadoras do Núcleo Pedagógico, totalizando 86 educadores.

A estes educadores, graças a uma parceria vinculada entre as formadoras e uma das coordenadoras de Núcleo Pedagógico, autoras do presente relato, foi proposto que, durante o processo formativo no Programa Alfabetiza Juntos, os registros das formações bem como as práticas pedagógicas dos docentes fossem escritos na forma de pipocas pedagógicas. Isso porque as pipocas são caracterizadas por um estilo de escrita simples, e buscam, por meio do humor, crítica ou reflexão, tematizar as vivências do ambiente escolar. Assim, este artigo organiza-se a partir do referencial teórico que subsidia esta experiência; em seguida, contempla a experiência em si; e, então, finaliza-se com as considerações finais.

2. A FORMAÇÃO DOCENTE E AS *PIPOCAS PEDAGÓGICAS*

Discutir a formação de professores implica reconhecer o impacto de novas demandas socioculturais na escola e nos significados do papel do docente na contemporaneidade. Gatti (2013) defende o paradigma de educação que considera a escola como promotora de justiça social, ou seja, acredita que a escola é responsável pelo desenvolvimento de ações que propiciem uma aprendizagem efetiva e, conseqüentemente, o desenvolvimento humano e social do aluno. Neste sentido, a autora, em capítulo de livro intitulado *Concepções e práticas na formação de professores e professoras para a educação básica* (2019), tece caminhos para o reconhecimento da docência como uma atividade complexa, com base em dois princípios básicos: a valorização da história individual e profissional do professor, e a constituição do conhecimento e da identidade profissional de forma idiossincrática e processual. Em suas palavras,

Embora ocorra por fases claramente diferenciadas – na experiência como discente, na formação inicial específica em termos de socialização do conhecimento profissional, no conhecimento profissional gerado no período de iniciação à docência e na formação continuada – é uma aprendizagem contínua, acumulativa e que agrega uma variedade de formatos de aprendizagem. (Gatti, 2019, p. 183)

Ou seja, a docência implica uma aprendizagem contínua e, portanto, um movimento formativo que integre a formação inicial e a formação continuada. Para tanto, Nóvoa (2022), atravessado pelas dicotomias na formação docente, revela a importância de buscar por uma terceira realidade em que se construa um novo lugar institucional para formação, um terceiro gênero de conhecimento formativo e uma terceira presença coletiva dos envolvidos. Este novo lugar caracteriza-se pelo encontro entre universidade e escola. O terceiro gênero de conhecimento diz respeito ao conhecimento profissional docente. E a terceira presença coletiva trata da profissionalidade dos educadores, fundamentada na colaboração, na cooperação e na corresponsabilidade.

Em artigo publicado anos antes, Nóvoa (2017) já discorria sobre essa necessidade de reorganizar a formação de professores. Refletindo sobre como se aprende a ser professor, o autor defende que este trabalho se dá em três dimensões culturais: a dimensão de vida cultural e científica própria, a dimensão ética, e a dimensão do agir na incerteza e na impressibilidade. Em seguida, Nóvoa aponta para a postura investigativa como uma possibilidade para aprender a conhecer como professor, ou seja, como uma forma de reflexão profissional própria em trabalho colaborativo com os colegas, de modo a evidenciar o papel dos professores como construtores do conhecimento. Neste momento, surge a narrativa, mais especificamente a escrita.

Como toda a pesquisa, também esta pesquisa deve traduzir-se em escrita, com os professores a assumirem a autoria dos trabalhos publicados. Uma profissão precisa registrar o seu patrimônio, o seu arquivo de casos, as suas reflexões, pois só assim poderá ir acumulando conhecimento e renovando as práticas. É uma questão decisiva que deve estar presente desde o início da formação de professores. Uma profissão que não se escreve também não se inscreve, nem se afirma publicamente.” (Nóvoa, 2017, p. 1127)

Isto posto, nota-se a relevância da narrativa docente para afirmação do ser professor, da profissionalização da docência. Ademais, tendo em vista as tendências para a formação docente, as narrativas orais e escritas contribuem também para promover o engajamento e o sentimento de pertencimento do grupo. A articulação entre experiências vividas e os desafios

contemporâneos da educação viabilizam um encontro entre saberes escolares e trajetórias profissionais de modo a promover a reflexão na e sobre a ação pedagógica. Para tanto, propõe-se o uso do gênero textual pipocas pedagógicas (Prado et al., 2023).

As pipocas pedagógicas possuem linguagem simples, estrutura narrativa e, geralmente, são escritas em 1ª pessoa. Como gênero característico da escola, as pipocas recorrem a temas diversos e cotidianos da instituição escolar. Através do humor, crítica ou reflexão, as pipocas pedagógicas registram o inusitado dia a dia de educadores pelo Brasil e América Latina. Assim, o quinto volume das pipocas pedagógicas, organizado por Prado, Serodio, Simas, Campos, Farias e Braz (2023) é a inspiração principal deste relato de experiência.

3. AS PIPOCAS DE ITÁPOLIS

Esta experiência ocorre no âmbito das formações de professores realizadas em Itápolis/SP por meio do Programa Alfabetiza Juntos promovido pela Secretaria de Educação do estado de São Paulo em parceria com o SESI-SP, dentre outros agentes. Fazem parte da iniciativa 2 formadoras e 86 educadores, entre docentes, coordenadoras pedagógicas e coordenadoras de Núcleo Pedagógico do município.

Imagem 1: Educadores atuantes no 1º e 2º ano do Ensino Fundamental.



Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Imagem 2: Educadores atuantes no 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental.



Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Ressalta-se, aqui, que todas as imagens utilizadas foram autorizadas pelo município. A seguir, apresenta-se, pois, o movimento metodológico em que se organiza a presente experiência, bem como tematizam-se os registros orais e escritos dos educadores de Itápolis/SP e das formadoras do Programa Alfabetiza Juntos.

O livro utilizado para mobilizar os professores foi o *Pipocas pedagógicas V: narrativas outras na escola* (Prado et al., 2023). Após os primeiros encontros formativos com as duas turmas no município de Itápolis/SP, verificou-se que os professores demonstravam resistência para utilização do registro escrito. Na proposta do Programa Alfabetiza Juntos, há um momento em que se solicita que um dos cursistas registre por escrito o encontro atual e realize a leitura deste registro no encontro seguinte. A escrita é livre, ficando a critério do docente escolher o gênero textual de sua preferência. Como os professores tiveram pouco interesse em escrever, nos encontros seguintes, foi colocada a proposta de registro em formato de pipocas pedagógicas. Para tanto, cada turma recebeu um caderno. Os escribas da formação foram os primeiros a utilizarem o caderno. Em seguida, o levaram para suas respectivas escolas e o caderno foi compartilhado entre os docentes cursistas para que também escrevessem pipocas pedagógicas sobre suas práticas.

Os professores aderiram à proposta, contudo nota-se que houve maior engajamento no que concerne às narrativas orais. Isso porque, nos encontros subsequentes, os docentes passaram a compartilhar histórias sobre o dia a dia tanto entre eles quanto com a formadora. Em momentos de intervalos, e quando havia relação com assuntos abordados no escopo da formação em questão, os professores elucidavam acontecimentos da escola, interações com as crianças, ocasiões em que puderam refletir sobre a prática pedagógica. A exemplo disto nota-se o discurso de uma professora do 2º ano do Ensino Fundamental, responsável, no contraturno, por uma turma de Educação Infantil composta por crianças de 5 anos. Esta professora contou, durante uma formação sobre etapas de produção de texto, que está trabalhando, na Educação Infantil, com contos de fadas clássicos, ao longo de todo o ano de 2025. Em meio a leitura de um deles, já no segundo semestre, uma de suas alunas comentou que a história estava muito triste, ao que um colega respondeu: “é claro, né? Porque para chegar na felicidade precisa passar pela parte triste”. A docente concluiu, satisfeita, que as crianças estavam demonstrando apropriação do gênero textual conto.

Em outro momento, um professor do 4º ano do Ensino Fundamental, em horário de intervalo, dizia ao seu grupo de colegas o quanto estava se sentindo frustrado por ter sido afrontado por um estudante. A criança, de 9 anos de idade, questionou o professor, ao término de uma aula em que ele orientava para a realização da tarefa. Afirmando que não faria a tarefa, o menino questionou: “não vai falar nada, professor? Você não é o machão?”. Observa-se, neste relato, o quanto é importante e urgente a discussão sobre a construção da masculinidade. Ou seja, no âmbito escolar, são realçadas questões que ultrapassam os limites da escola – questões sociais e culturais.

Estes exemplos são apenas algumas das pipocas pedagógicas oralizadas pelos docentes. Já em termos de registro escrito, a primeira pipoca pedagógica foi intitulada pela professora Dalila Gonzaga dos Anjos como *Pipocas para colecionadores de experiências*. Em seu sensível relato, a professora faz alusão ao livro lido em um dos encontros formativos – *O colecionador de palavras*, de Peter H. Reynolds (2021). Retrutando suas muitas coleções ao longo da vida – brincadeiras, amizades, revistas, trabalhos, provas, aulas, relatórios, eventos -, a docente reafirma-se como professora. Em suas palavras

Como Peter H. Reynolds disse, eu fui atrás das minhas palavras, das minhas coleções, disse ao mundo que sou professora. Hoje, aqui nessa formação, venho colecionar mais conhecimentos para tornar a minha

sala de aula um lugar bem melhor a cada dia. (Arquivo das autoras, 2025)

Na conclusão de sua pipoca, Anjos assume a profissão docente com responsabilidade. Esta narrativa escrita inicia o conjunto de pipocas pedagógicas do município de Itápolis/SP. Outro relato narrativo escrito, de professora que prefere não se identificar, conta sobre uma leitura realizada pela docente para e com as crianças. Durante a leitura, um dos estudantes insistia em usar seus materiais escolares para fazer barulho. A professora recolheu, então, o estojo da criança. Após o término da leitura e orientação da próxima atividade a ser feita pelos alunos, a professora notou que o estudante em questão não estava realizando a atividade. Quando o abordou, o estudante respondeu: “Professora, você está com todos os meus lápis.” A professora relata ter feito “cara de paisagem” e devolvido os lápis do aluno. De modo singelo, esta professora registrou o seu dia, sua prática, o que possibilita o desenvolvimento de diversas reflexões. É possível, na retomada do registro escrito, questionar a própria ideia de que a leitura compartilhada deve acontecer no silêncio. Escrever e ler o que foi escrito é o um movimento de reflexão sobre a ação. Movimento este que pode caracterizar-se tanto como subjetivo quanto coletivo. Afinal, na experiência de Itápolis/SP, o caderno das pipocas pedagógicas é itinerante, propiciando a leitura de uns pelos outros.

A adesão às pipocas, porém, não se encerra por aqui. Além dos professores, as coordenadoras de Núcleo Pedagógico começaram a registrar suas vivências. Elas optaram por personalizar um caderno para o Núcleo na intenção de reunir seus relatos e trocar experiências. Na abertura, sinalizam que

Em cada um dos textos que se encontram neste livro como “Pipocas”, registradas estão as experiências vividas de educadores que, ao narrarem o vivido junto aos seus colegas de trabalho, alunos e familiares, deram a ver a riqueza de sentidos que emergem do cotidiano do trabalho na educação. (Arquivo das autoras, 2025)

Observa-se, pois, um movimento de valorização do registro escrito como forma de expressar o cotidiano, ao tempo que se constrói o conhecimento escolar. O apoio do Núcleo Pedagógico e sua aceitação à proposta das pipocas pedagógicas é de suma importância, afinal demonstra presença e engajamento da gestão educacional para com os docentes. Trata-se do desenvolvimento do sentimento de pertencimento, pois as coordenadoras são também professoras.

Ademais, as formadoras, autoras deste artigo e incentivadoras desta ação, registraram suas pipocas pedagógicas. Uma delas, Vitória Caroline dos Santos, é analista educacional no SESI-SP, responsável pelas formações no município de Itápolis/SP e, a outra, é sua liderança direta, especialista em educação no SESI-SP, Renata Maria Coelho Faleiro. Para concluir o trajeto formativo em Itápolis, Santos escreveu sua própria pipoca, simbolizando uma despedida ao município. *A Pipoca da Vitória* retomou momentos marcantes das formações ocorridas durante o ano de 2025 e concluiu-se apontando para a importância da construção coletiva da identidade docente, conforme trecho a seguir.

Será que eles [os professores de Itápolis/SP] sabem o quanto sou grata por me receberem com tanto carinho e por me ensinarem a ser uma professora melhor? Espero que sim. Espero também que continuem nesta linda profissão com a certeza de que a união que existe entre eles é admirável. Afinal, ser professor é fazer parte de uma construção coletiva – uma identidade que se fortalece no encontro, na troca e na parceria. E é isso que torna Itápolis um município tão especial para mim. Vou sentir saudade! (Arquivo das autoras, 2025)

Ressaltando a formação continuada como um espaço de formação contínua, Santos se reconhece nos educadores e busca a construção de si em meio a coletividade. Ademais, evidencia o engajamento e a parceria estabelecida entre os docentes durante os encontros formativos. Faleiro, por sua vez, enfatiza a escrita como prática estruturante da profissionalidade docente e de formadores de docentes, compreendendo o registro não como mero instrumento burocrático, mas como gesto de autoria e reflexão crítica sobre a própria trajetória pedagógica. Nesse sentido, a escrita emerge como mediação entre ação e pensamento, conforme propõem Schön (1992) e Tardif (2014), ao situar o formador como sujeito que aprende com e sobre sua prática. Ao liderar processos formativos em âmbito regional, Faleiro propõe a valorização da cultura de autoria dos analistas, reconhecendo, com Freire (1996), que toda prática educativa é carregada de intencionalidade e posicionamento ético. Assim, o registro escrito torna-se não apenas ferramenta de sistematização, mas expressão de identidade, responsabilidade e compromisso com a transformação social. Como ilustração dessa perspectiva, Faleiro desenvolve a narrativa escrita de modo autoral, registrando os processos envolvidos na formação dos formadores de professores. Em sua pipoca pedagógica, Faleiro valoriza a narrativa oral, potencializando o registro escrito, tal como no trecho a seguir.

Uma formadora conta sobre uma visita escolar em que foi recebida com resistência, mas saiu com abraços e convites para voltar. Outro relatou o desafio de mediar um conflito entre docentes, reconhecendo que sua escuta foi mais potente que qualquer estratégia. Cada relato era uma pipoca estourando: quente, viva, cheia de sentido. (Arquivo das autoras, 2025)

Essa prática demonstra não só a importância da narrativa, bem como a construção coletiva de uma identidade formadora. Em um gesto de liderança que reconhece a escrita como espaço de autoria, a escuta como prática política e o encontro como território de formação, a experiência promovida por Faleiro foi sintetizada pelos formadores por meio de palavras como “transformação”, “coragem”, “presença” e “resiliência”. Assim, este processo cíclico, protagonizado pela narrativa, conectou educadores de modo a evidenciar o sentimento de pertencimento à profissão docente e à comunidade formativa que ali se constituiu.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante às tendências para a formação de professores, este artigo destaca uma boa prática para incentivo ao registro escrito e potencialização da narrativa docente. As pipocas pedagógicas de Prado et al. (2023) inspiraram a iniciativa realizada em Itápolis/SP no âmbito do programa Alfabetiza Juntos de 2025. De uma forma cíclica, as narrativas orais e escritas conectaram formadoras, coordenadoras de Núcleo Pedagógico, coordenadoras pedagógicas e docentes do Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

Neste sentido, observa-se o engajamento gerado durante o processo formativo de modo a promover o pertencimento e coletividade entre os educadores. Ademais, é de suma relevância a construção autoral do conhecimento científico-pedagógico pelos docentes. Assim, os registros escritos marcam experiências e desafios contemporâneos da educação. Contudo, é preciso apontar para a resistência à escrita por parte dos educadores, o que sugere a necessidade de intensificar a formação do pedagogo como autor e escritor de textos.

Por fim, verifica-se que este trabalho evidencia o poder da narrativa na integração entre saberes escolares, trajetórias profissionais e as múltiplas linguagens que atravessam o contexto educacional atual. As pipocas pedagógicas de Itápolis/SP, orais e escritas, demonstram a

vivacidade do saber docente, valorizando o protagonismo do professor ao tempo que reafirmam sua identidade como uma construção coletiva.

5. REFERÊNCIAS

ALFABETIZA Juntos SP – 1ª edição/2025. **Escola de formação dos profissionais da educação Paulo Renato Costa Souza**, s. d. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/acao-formacao/alfabetiza-juntos-sp-1a-edicao-2025/> Acesso em: 09 out. 2025.

DADOS de Itápolis. **Prefeitura Municipal de Itápolis**, s. d. Disponível em: <https://www.itapolis.sp.gov.br/portal/servicos/1031/dados-de-itapolis/> Acesso em: 09 set. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, B. A. **Concepções e práticas na formação de professores e professoras para a educação básica**. In: GATTI, B. A. et al. **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. Brasília: UNESCO, 2019.

GATTI, B. A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 50, p. 51-67, 2013.

GATTI, B. A. Formar professores: velhos problemas e as demandas contemporâneas. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 12, n. 20, p. 473-478, 2003.

ITÁPOLIS. **Portal QEdu**, s. d. Disponível em: <https://qedu.org.br/municipio/3522703-itapolis/ideb> Acesso em: 09. set. 2025.

NÓVOA, A. **Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017.

NÓVOA, A. **Três teses sobre o terceiro: para repensar a formação de professores**. IN: NÓVOA, A. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PRADO, G. V. T. et al. (orgs). **Pipocas Pedagógicas V: narrativas outras na escola**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

REYNOLDS, P. H. **O colecionador de palavras**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2021.

SCHÖN, D. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1992.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.